INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ – ICESPI

Antonio Carlos da Silva

O MAL E O BEM EM AGOSTINHO

Teresina

2014

ANTONIO CARLOS DA SILVA

O MAL E O BEM EM AGOSTINHO

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Licencatura em Filosofia, no Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí.

Orientador: Prof. Dr. Domingos Barbosa Filho.

Cod. 5813
200
B586m
Ex. 01

Teresina

2014

UESPI - Biblioteca
5813 21/10/19

ANTONIO CARLOS DA SILVA

O MAL E O BEM EM AGOSTINHO

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Licencatura em Filosofia, no Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí.

Orientador: Prof. Dr. Domingos Barbosa Filho.

Aprovada em: ____ / ____ / _____.

Banca Examinadora

_____

_____

_____

Dedico esta monografia aos meus pais Francisco Gomes e Francisca Maria (*In memoriam*), que sempre me orientaram humana e moralmente. Aos meus irmãos e irmãs e familiares em geral; bem como aos muitos amigos e amigas que me ajudaram das mais diversas formas.

RESUMO

Este trabalho monográfico, que tem como tema – O mal e o Bem em Agostinho – está estruturado em 5 partes: Introdução; Primeiro Capítulo – Vida e Obra – ; Segundo Capítulo – A influencia maniquéia em Agostinho –Terceiro Capítulo – A não-substancialidade do mal – e Conclusão; tem como objetivo refutar, a partir das reflexões emergidas por Agostinho em relação ao mal e à sua origem, que este não se caracteriza como substância, como assim admitiam os maniqueístas. Conclusão esta inferida, para se chegar a este trabalho, a partir do método analítico-reflexivo, das principais obras de Agostinho, onde este trata do problema do mal. O problema do mal se fez presente na vida de Agostinho, de forma mais explícita, na época de sua adolescência, quando certa noite, e por pura diversão, juntou-se a um grupo de colegas e invadiram um pomar, onde furtaram uma grande quantidade de peras. Provaram algumas, mas o objetivo mesmo de todos era lançar aos porcos a grande maioria. Essas peras furtadas sem motivo ou esse prejuízo causado a outros apenas por prazer, tornam-se, para Agostinho, a imagem ou o símbolo do mal.Durante o tempo em que Agostinho buscou descobriro que era o mal, esteve por quase nove anos inserido na doutrina maniquéia, a qual defendia que o mundo era fruto do conflito entre o bem e o mal; afastando-se dos maniqueus após a leitura das obras de Plotino. A partir destas leituras neoplatônicas, Agostinho descobriu que o mal era simplesmente a ausência do bem.A princípio, ele não conseguiu descobrir ou perceber em que consistia o mal, porque não conseguia conceber uma realidade imaterial, mas apenas realidades corpóreas. A visão maniquéia, eminentemente materialista, impedia-lhe de ver uma verdade espiritual.Após longa caminhada, entretanto, Agostinho descobriu que a origem do mal se encontrava na livre determinação da vontade, ou seja, que o próprio homem, pelo uso de sua livre vontade, pratica o mal. Reconhece que Deus é sumamente bom e que todas as suas criações são igualmente boas, no entanto, estão sujeitas à corrupção e, por essa razão, desviam-se, voluntariamente, do caminho do bem e praticam o mal, sujeitando-se às criaturas terrenas. Percebemos, desta forma, que o mal não existe enquanto substância ou em uma dimensão metafísica. Por outro lado, admitimos que exista no homem várias vontades, de fazer o bem ou mal, de acordo com suas atitudes e ações, assim, o mal que assola a humanidade, em geral, é obra apenas do próprio homem, a partir de suas más escolhas. O senso comum tende ver o mundo numa visão maniquéia, polarizando a realidade no

extremo do bem ou do mal. Não consegue perceber que o mal é oriundo da própria vontade humana e que não é uma substância criada por Deus.Nesse sentido, postulamos que o mal existe, mas praticado pelo próprio homem, pelo mau uso de sua liberdade e de suas escolhas, prendendo-se às suas paixões e aos seus prazeres.

Palavras-chave: Mal. Bem. Substância. Corrupção. Liberdade.

ABSTRACT

This monograph, which has the theme – Evil and Good Augustine – is structured in 5 sections: Introduction; First Chapter – Life and work; Second Chapter – The Manichaean influence on Augustine – Third Chapter – A non-substantiality of evil –and Conclusion; aims to refute, emerged from the reflections by Augustine in relation to evil and its origin, that it is not characterized as a substance, as well as employing them Manichean. Inferred this conclusion, to get this to work, from the analytical-reflective method, the major works of Augustine, where it deals with the problem of evil. The problem of evil was present in the life of Augustine, more explicitly, at the time of his adolescence, when one night, and just for fun, he joined a group of colleagues and raided an orchard, where they stole a large amount pears. Proved to some, but the goal of all was to launch the pigs the majority. These pears stolen for no reason or that injury to others just for pleasure, become, for Augustine, the image or symbol of evil. During the time that Augustine sought to discover what was wrong, was inserted by nearly nine years in Manichean doctrine, which held that the world was the result of the conflict between good and evil; away from the Manicheans after reading the works of Plotinus. From these readings Neoplatonic Augustine discovered that evil was simply the absence of good. At first he could not discover or realize what constituted evil because he could not conceive an immaterial reality, but only tangible realities. The eminently materialistic, Manichaean vision prevented him from seeing a spiritual truth. After a long walk, however, Augustine found that the origin of evil was in the free determination of the will, that man, by the use of their free will, himself doeth evil. Recognizes that God is supremely good and all its creations are equally good, however, are subject to corruption and, therefore, deviate voluntarily from the path of good and bad practice, subjecting themselves to earthly creatures. We realize, therefore, that evil exists not as a substance or in a metaphysical dimension. On the other hand, we admit that there is in man several wills to do good or evil, according to their attitudes and actions, so evil that plagues mankind in general, is the work only of man, from their bad choices. Common sense tends to see the world in a Manichean vision, polarizing reality in the extreme of good or evil. Fails to realize that evil originates from the human will itself and that is not a substance created by God. Accordingly, we postulate that evil

exists, but practiced by man, by misusing their freedom and their choices, holding up to his passions and his pleasures.

Keywords: Evil. Good. Substance.Corruption.Freedom.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 9

2 VIDA E OBRA DE AGOSTINHO ..... Erro! Indicador não definido.1

3 AGOSTINHO E O ZOROASTRISMO 166
3.1 O conceito de zoroastrismo e a visão de Zaratustra do bem e do mal 16
3.2 O pensamento de zaratustra na atualidade 17
3.3O conceito de gnose e o bem e o mal na visão gnóstica 18
3.4Assim aparece uma trindade nos sistemas gnósticos 20
3.5O bem e o mal no tempo de Agostinho 21

4 O PROBLEMA DO MAL 27

5 CONCLUSÃO 36

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 40

1 INTRODUÇÃO

A história mostra-nos que o nascimento da filosofia ocorreu com o maravilhar-se do homem diante da realidade que o circundava. Diz Aristóteles:

> Os homens começaram a filosofar, tanto agora como na origem, por causa do maravilhamento: no princípio, ficavam maravilhados diante das dificuldades mais simples; em seguida, progredindo pouco a pouco, chegaram a se colocar problemas sempre maiores, como os relativos aos fenômenos da lua, do sol e dos astros e, depois, os problemas relativos à origem de todo o universo (*Apud* MONDIM, 2003, p. 12).

Nesse sentido, é-nos claro que a raiz e o cerne de toda filosofia está no maravilhar-se frente à realidade, que muitas vezes se mostra plasmada em um paradoxo de simplicidade e complexidade.

Ancorado em tais certezas, infere-se que fazer filosofia exige um espírito de inquietação e insatisfação frente ao mundo. Por essa razão, lendo, refletindo e discutindo a célebre obra de Agostinho, *Confissões,* em que o mesmo trata de seus problemas e angústias existenciais e, dentro de tais problemas, levanta o questionamento sobre a origem ou princípio do mal, senti-me impulsionado a trabalhar tal problemática neste trabalho monográfico.

Agostinho, antes de sua conversão, viveu sempre em conflito interior em relação à necessidade de encontrar respostas para os seus questionamentos quanto ao sentido último e autêntico da vida. Buscou tais respostas nos estudos acadêmicos, como na filosofia e na astronomia, por exemplo; também ingressou na corrente dos maniqueístas, dentre outras, sempre no intuito de alcançar respostas satisfatórias. No período em que foi maniqueísta, Agostinho ateve-se à questão da origem do mal, que, segundo os maniqueus, por serem materialistas, não conseguiam ver o mal de outra forma a não ser como uma substância, por essa razão, postulavam a existência de dois princípios autônomos: o Bem e o Mal.

Por algum tempo, Agostinho aderiu a esta concepção, mas como sempre estava buscando respostas completas e que não suscitasse obscuridade, acabou por desligar-se dos maniqueus, tendo-se em vista que estes sempre davam respostas inacabadas e ambíguas. Após alguns anos de caminhada e de experiências variadas, ele teve acesso a livros neoplatônicos e a partir daí pôde chegar a conceber a existência de substâncias imateriais. Em seguida, depois de sua conversão ao cristianismo, pôde admitir o mal não mais como uma substância criada por Deus, mas como ausência do bem.

Nesta perspectiva este trabalho pretende: a) elencar os principais argumentos de Agostinho em torno da origem do mal e em que consiste o mesmo; b) perceber até que ponto foi influenciado pela doutrina maniquéia e quais recursos e caminhos tomou para dela afastar-se, bem como as influências que recebeu no que concerne à afirmação da não-substancialidade do mal; c) buscar também conceituar de que forma a contemporaneidade percebe o mal, que lhe é a cada dia mais comum.

Na certeza de que não devemos ficar inertes diante da nossa existência, mas sim insatisfeitos, como Agostinho; nem tão pouco indiferentes às tantas perguntas que são levantadas em torno da origem do mal e da sua causa, propomo-nos neste trabalho, que está dividido em três capítulos, clarificar tais dúvidas e levar o leitor a ter com mais propriedade condições de conceituá-lo, negando ao mal o caráter de substância criada por Deus.

2 A VIDA E OBRAS DE AGOSTINHO

Agostinho nasceu em 354 d.C., na pequena cidade de Tagaste, província romana da Numídia (atualmente Souk-Ahras, no interior do nordeste da Argélia); quando surgiu em cena, tinham-se passado seiscentos anos desde a morte de Aristóteles, e quando Agostinho morreu aproximadamente outros oitocentos anos transcorreram antes do surgimento de Tomás de Aquino. Seu pai, Patrício, apresentava sintomas alcoólicos de desintegração emocional sob forma de perversão obsessiva e surtos de violência. Por conta disso, a mãe de Agostinho, Mônica, voltou-se para a religião e buscou transformar suas frustrações e desapontamentos em ambições para o filho (STRATHERN, 1999, p.12).

Depois de ter frequentado a escola em Tagaste e na vizinha Madaura, conseguiu ir para Cartago, graças à ajuda financeira de um amigo de seu pai, para realizar seus estudos de retórica (*Apud* REALE, 1990). Aí, longe da mãe, Agostinho viveu inúmeras experiências nos bordéis e desenvolveu o gosto pelo teatro (STRATHERN, 1999).

Aos quinze anos de idade, Agostinho se vê forçado a interromper os estudos por um tempo, por falta de recursos financeiros. Por isso, ele volta para Tagaste a viver com seus pais e, durante esse «intermédio de ociosidade», Agostinho atravessa uma profunda crise de adolescência (SESÉ, 1999).

Para fugir ao tédio, Agostinho entrega-se, com avidez, aos jogos e travessuras dos seus colegas da mesma idade; uma dessas aventuras deixará nele impressão duradoura. Certa noite, e por pura diversão, a molecada invadiu um pomar, viu uma pereira carregada de frutos e resolveu furtá-los; os garotos provaram algumas, mas o que queriam mesmo era lançar aos porcos a «grande quantidade» que haviam furtado (SESÉ, 1999).

Essas peras furtadas sem motivo, esse prejuízo causado a outros apenas por prazer, tornar-se-ão, aos olhos de Agostinho, a imagem ou o símbolo do mal, a ponto de merecer, nas páginas das Confissões, a famosa meditação sobre a lei e a transgressão (SESÉ, 1999).

Sua mãe Mônica, uma cristã fervorosa, sempre buscou encaminhar Agostinho para o cristianismo; no entanto, ele achou demasiado simples para satisfazer seu intelecto exigente. Agostinho que estava sempre embebido de questionamentos existenciais precisava de explicações convincentes para sua condição, explicações suficientemente profundas e que convencesse (STRATHERN, 1999).

Agostinho tornou-se professor em Tagaste e depois em Cartago. A turbulência dos estudantes cartagineses, porem, levou-o a transferir-se para Roma (*Apud* REALE, 1990).

Em 391, quando se encontrava em Hipona, foi ordenado sacerdote pelo bispo Valério. Nesta cidade, ele ajudou Valério, sobretudo, na pregação e fundou um monastério, onde se reuniram velhos e fiéis amigos (*Apud* REALE, 1990).

Em 395 foi consagrado bispo. E no ano seguinte, com a morte de Valério, Agostinho tornou-se bispo efetivo. Na pequena cidade de Hipona, ele travou grandes batalhas contra cismáticos heréticos, e escreveu também os seus livros mais importantes (*Apud* REALE, 1990).

A primeira personalidade que incidiu profundamente sobre a alma de Agostinho foi a de sua mãe Mônica. Foi ela quem, com sua firme fé e seu coerente testemunho cristão, lançou em certo sentido as bases e construiu as premissas da futura conversão do filho, sobre o qual, depois, exerceu um estímulo muito tenaz (*Apud* REALE, 1990).

O segundo encontro fundamental foi com o Hortênsio, de Cícero, obra que converteu Agostinho à filosofia quando estudava em Cartago. Nesse escrito, Cícero defendia um conceito de filosofia entendido de modo tipicamente helenista, como sabedoria e arte do viver que traz a felicidade. Escreveria depois Agostinho em suas Confissões:

> Na verdade, aquele livro mudou os meus sentimentos e tornou até diferentes as minhas preces [...] e diferentes os meus votos e os meus desejos.De repente toda esperança humana tornou-se-me vil e eu proclamava a sabedoria imortal com incrível ardor de espírito (*Apud* REALE, 1990, p. 430).

O ardor despertado pelo Hortênsio era atenuado pelo fato de que nele Agostinho não encontrava o nome de Cristo. Escreveu ele:

Agostinho voltou-se então para a Bíblia, mas não a entendeu. O estilo com o qual estava redigida, tão diverso do estilo rico em refinamento da prosa ciceroniana, e o modo antropológico com que parecia falar de Deus velaram sua compreensão, constituindo um bloqueio insuperável. (*Apud* REALE, 1990).

Agostinho encontrou o que buscava no maniqueísmo, uma seita próxima do cristianismo, fundada um século antes por um persa chamado Maniqueu, que declarava ser o Espírito Santo e terminara crucificado por adoradores do fogo. O maniqueísmo era essencialmente dualista e seus adeptos acreditavam que o mundo era produto do conflito

entre o bem e o mal (ou Luz e Trevas). Agostinho adotou, portanto, de braços abertos o maniqueísmo (STRATHERN, 1999).

Agostinho, aos dezoito anos, apaixonado por uma moça, passa a viver com ela fora do matrimônio «legítimo» e a união de ambos durou quinze anos. Logo lhes nasceu um filho. Foi-lhe dado o nome de Adeodato. Agostinho apegar-se-á profundamente a esse menino «dado por Deus», mas sua morte prematura, aos dezessete anos, causará no pai a mais profunda dor (SESÉ, 1999).

Agostinho foi seduzido pelo maniqueísmo por três razões principais: primeiro ele encontrou nesta filosofia uma explicação racional do mundo, que dispensava os recursos da fé. Também essa doutrina permitia a adesão a Cristo, de quem os maniqueus se diziam discípulos. E por fim, Agostinho encontrou no maniqueísmo a solução ao seu problema do mal que tanto o atormentava. Durante nove anos, Agostinho ficará entre os maniqueus (SESÉ, 1999).

Após chegar a Roma, Agostinho começou a questionar intelectualmente o maniqueísmo. Isto porque as últimas descobertas da astronomia não batiam com as explicações mitológicas dos céus apresentadas pelos maniqueístas. Após ter recebido a visita do bispo e sábio maniqueísta, Fausto, e juntos terem discutido essas questões, o bondoso bispo viu-se forçado a admitir que não tivesse respostas para os problemas levantados por Agostinho (STRATHERN, 1999).

Um ano depois, foi-lhe oferecido o cargo de professor de retórica em Milão. (STRATHERN, 1999).

Em Milão, Agostinho conheceu o bispo Ambrósio, que possuía um dos Espíritos mais brilhantes da cristandade e cujos sermões atraíam enormes audiências. Agostinho foi ouví-lo e de imediato se libertou de dois preconceitos que cultivava em relação ao cristianismo: constatou que essa religião podia ser abraçada por alguém intelectualmente mais capaz; e comprovou também que a Bíblia era um livro mais profundo do que ele acreditava ser, e que nem sempre devia ser interpretado ao pé da letra (STRATHERN, 1999).

Um ano após sua chegada a Milão, sua mãe o alcançou. Ele agora podia garantir a Mônica que não era mais um maniqueu; porém, não chegava a ser cristão (STRATHERN, 1999).

Após a volta para a África da mulher que amou e conviveu, Agostinho se via agora mais do que nunca atormentado pelo «problema do mal». Já não conseguia acreditar nos maniqueístas, principalmente por conta dainferioridade intelectual destes.

A própria noção de dualismo parecia-lhe cada vez mais inaceitável, então descobriu a obra de Plotino. (STRATHERN, 1999).

Plotino transformou as teorias de Platão, que passou a ser conhecido como neoplatonismo. Assim como Platão, os neoplatônicos viam a realidade última e o bem como transcendentes. A realidade maior era o Uno. Tudo emanava dessa unidade numa ordem descendente de realidade, valor e integração. O mal era oriundo da matéria indistinta presente na base dessa escala, no ponto mais distante do Uno. Isso significava que não era necessário qualquer dualismo para descrever a natureza do mal, conforme exigiam os maniqueístas. Para os neoplatônicos, o mal era simplesmente a ausência do bem. Era o objeto mais afastado da realidade maior do Uno e, conseqüentemente, a menos verdadeira de todas as coisas. Aí estava a resposta ao dualismo inaceitável de Agostinho, uma resposta que resolvia de uma vez por todas o problema do mal.(STRATHERN, 1999).

Nesse estágio de desenvolvimento, o neoplatonismo se assemelhava em muitos aspectos a uma visão filosófica do cristianismo, mas sem um Deus cristão. Durante todo este tempo, Agostinho se aproximou cada vez mais do cristianismo de sua mãe, numa tentativa de descobrir o caminho para a verdade, chegou mesmo a iniciar a leitura das Epístolas de São Paulo. Ainda sim não se sentia capaz, contudo, de dar o passo definitivo (STRATHERN, 1999).

Após sua conversão ao catolicismo, Agostinho se demitiu do cargo de professor e, no sábado anterior à Páscoa de 387, ele e seu filho Adeodato foram batizados por Ambrósio em Milão. Agostinho e a mãe decidiram em seguida retornar à Numídia. Quando estavam prestes a embarcar no parto de Óstia, Mônica contraiu uma febre e morreu (STRATHERN, 1999).

Agostinho tinha sido particularmente tocado pelos elementos místicos do neoplatonismo e pela idéia de que o espírito interior do homem liga-o à realidade suprema. Plotino acreditava que para alcançar o Uno supremo, a realidade última, devíamos olhar profundamente para dentro de nós mesmos. Essa tinha sido a experiência de Agostinho e ele procurou então reconciliar a doutrina de Plotino com o cristianismo de São Paulo, o que, no fim, levou-o a reconciliar o neoplatonismo como um todo com os ensinamentos da Bíblia (STRATHERN, 1999).

A fusão dessas duas doutrinas seria a mais importante contribuição de Agostinho à filosofia, uma vez que não só deu ao cristianismo uma sólida base intelectual, como o vinculou à tradição filosófica grega. Assim, o cristianismo conseguiu manter a chama da

filosofia acesa por toda a Idade das Trevas, ainda que seu brilho fosse um tanto baço (STRATHERN, 1999, p.24).

A produção literária de Agostinho é imensa, recorde-se somente as obras principais (*Apud* REALE, 1990):

a)O período de Cassiciaco caracteriza-se pelos escritos de caráter predominantemente filosófico: Contra os acadêmicos, A vida feliz, A ordem, Os solilóquios, A imortalidade da alma (este escrito em Milão). A quantidade da alma, escrito em Roma. Em Tagaste foram compostas as obras O mestre e A musica.

b) A sua obra-prima dogmático-filosófico-teológica é A Trindade.

c) A sua obra-prima apologética é A cidade de Deus.

d) Das obras contra os maniqueístas podem-se recordar: Sobre os costumes da Igreja católica e os costumes dos maniqueus, Sobre o livre- arbítrio, A verdadeirareligião e Sobre o Gênesis contra os maniqueus.

e) Duas obras inauguraram gêneros literários novos: As Confissões, que são uma verdadeira obra-prima também do ponto de vista literário, e as Retratações em que Agostinho reexamina e retifica algumas teses contidas em sua produção anterior, que não estavam ou não lhe pareciam perfeitamente alinhadas com a fé cristã.

Agostinho morreu em 28 de agosto de 430. Seu dia é hoje celebrado nessa data. Agostinho foi amplamente reconhecido como santo logo após sua morte (STRATHERN, 1999).

3 AGOSTINHO E O ZOROASTRISMO

Neste capítulo, abordaremos a influência que Agostinho recebeu da doutrina maniquéia, a qual caracteriza o mal como sendo uma substância. Entretanto, para melhor entendermos em que se fundamentava tal afirmação, faz-se necessário também entender a influência que os maniqueístas receberam do zoroastrismo e do gnosticismo, respectivamente, caracterizando e especificando tais doutrinas.

3.1 O conceito de zoroastrismo e a visão de Zaratustra do Bem e do Mal

O zoroastrismo foi uma religião fundada na Pérsia por Zoroastro ou Zaratustra, que nasceu no século XVIII a.C. Zaratustra foi um menino curioso. Ele insistia em fazer perguntas sobre o mundo e sua criação. E as respostas dadas pelos sacerdotes não o satisfizeram. Desapontado, voltou-se para si mesmo e para a natureza ao seu redor. A sua busca e pesquisa trouxeram-lhe a «iluminação» que o levou a Deus com quem passou a ter íntima comunhão. Aos 30 anos, proclamou ao mundo a sua divina missão e começou a pregar uma nova mensagem (ZARATUSTRA vida e ensinamento, 2005).

A busca de Zaratustra começou após sentir-se chocado com as contradições da sociedade de sua época e decepcionado com as respostas dadas pelo meio pensante. Assim, decide fazer a sua própria descoberta (ZATATUSTRA vida e ensinamento, 2005).

A sua mensagem, porém, era prejudicial aos interesses tradicionais dos sacerdotes e governadores de sua época. Por essa razão, os governadores tornaram-se inimigos de Zaratustra, perseguindo seu pequeno grupo de companheiros por mais de dez anos (ZARATUSTRA vida e ensinamento, 2005).

A sua mensagem divina apresentava-se como uma revelação única, uma visão diferente, uma nova filosofia e uma doutrina singular. Ela limpava a mente humana de todos os preconceitos, superstições e maus pensamentos. Ela renegava as deidades ferozes e proclamava Ahura Mazda[1], a essência da Sabedoria, o Deus que criava, mantinha e promovia o cosmo, esse bom e belo Universo. A mensagem de Zaratustra anunciava a paz, o progresso e a prosperidade nessa boa terra e uma vida que

[1]Ahura Mazda – Essência da Sabedoria. A sabedoria que é de si por si, que transmite sem ter que receber. O superintelecto idealizador e realizador de todas as coisas. A mente-fonte do conhecimento que a tudo dá origem e sustentaé Deus.

continuava sendo abençoada após a morte. A sua missão era uma mensagem viva. Ela era divina. Era baseada no triplo princípio de Boa Mente, Boas Palavras e Boas Ações. Ela promovia a mente humana e estimulava a sua faculdade pensante (ZARATUSTRA vida e ensinamento, 2005).

Para ele o bem e o mal eram apenas duas disposições mentais. Uma servia e promovia a sociedade humana em um mundo ecologicamente são e a outra prejudicava e retardava o seu progresso. O ser humano, nascido livre, tinha a capacidade de escolher. Desta forma, uma pessoa fazia o bem ou o mal de acordo com a inclinação de seus pensamentos, palavras e ações. Para ele, as Boas ações levavam a pessoa à integridade; as más ações produziam sofrimentos até que se conseguisse que a verdade prevalecesse com a ajuda da luz (ZARATUSTRA vida e ensinamento, 2005).

A mensagem divina pregada por Zaratustra advogava que cada pessoa fizesse a boa escolha de favorecer, com suas boas atitudes, a todo o mundo vivente; essa era a vontade de Deus. Esta mensagem reconhecia a mulher e o homem como absolutamente iguais em direitos e dignidade. Não existia superioridade racial (ZARATUSTRA vida e ensinamento, 2005).

O seu pensamento criou um sistema ético aberto que se aplicava em todos os aspectos da vida (ZARATUSTRA vida e ensinamento, 2005).

Zaratustra deixou sua mensagem em 17 cânticos conhecidos como os Gathas. Com os Gathas como guia, a pessoa aprendia voluntariamente a buscar para si e para todos a Boa Vida, na prática da Boa Mente, da Boa Palavra e da Boa Ação. Essa era a doutrina divina para a construção de um mundo melhor (ZARATUSTRA vida e ensinamento, 2005).

3.2 O pensamento de Zaratustra na atualidade

O antigo sistema de pensamento de Zaratustra, com todos os seus desdobramentos filosóficos, políticos e religiosos, continua instigante em seus desafios e surpreendente abertura para a renovação (O PENSAMENTO Zaratustriano, 2005).

Zaratustra desenvolveu uma proposta que tinha tanto uma elaboração filosófica, quanto conseqüências práticas para a vida. A grande questão para Zaratustra, o bem e o mal, colocada para ser resolvida por todos os sistemas filosóficos e religiosos, se resolvia dentro da mente humana. Para ele, o bom pensamento ou a boa mente criava e organizava o mundo e a sociedade; o mau pensamento ou má mente fazia o contrário. Cabia ao ser humano fazer uma escolha e ele tinha o poder e a capacidade de fazê-la. O

Cosmo inteiro estava a seu favor, quando escolhia a boa mente, enquanto que a má mente isolava e angustiava quem por ela optava. E esta escolha era feita no dia-a-dia da pessoa, em cada ação. E ninguém podia fazer uma opção definitiva, mas esse era um mecanismo dinâmico e progressivo (O PENSAMENTO Zaratustriano, 2005).

Essa escolha não desencantava a salvação ou a perdição de alguém, ela era apenas parte de um processo de aprendizagem contínua, aberta e reformável de acordo com o contexto, mas com o progresso de cada indivíduo, progredia o mundo e era acelerada a criação do Universo. O quadro só estaria completo quando todos tivessem chegado lá. Essa filosofia de Zaratustra gerou conclusões inusitadas e revolucionárias acenando com uma nova organização social e uma nova religião. Ele descobriu uma religião da alegria participativa. Admirada, diante do fato de ser feita parceira de Deus em seu projeto de mundo e através de um processo de livre escolha e colaboração, a pessoa respondia com o cultivo da Boa Mente, de Boas Palavras e de Boas Ações. Essa era uma ética da responsabilidade. E esse esforço que inicialmente era individual e continuaria a sê-lo, recebe, contudo, o poder transformador de Asha[2] (O PENSAMENTO Zaratustriano, 2005).

Neste novo sistema não tinha lugar de destaque a fé ou a crença. Não era necessário crer. Era preciso saber e agir de acordo com o que se sabia. Tínhamos aí, então, uma religião do conhecimento. A visão de mundo de Zaratustra não colocava o ser humano como o centro, o motivo de ser do planeta. Mas o ser humano deveria achar o seu lugar no mundo de forma harmoniosa, de modo a não desequilibrar o meio. Para Zaratustra, não havia diferença de raças ou de gênero. O Deus descoberto por ele não era tribal e não tinha um povo escolhido entre os outros povos. Tanto o homem como a mulher podiam tomar a liderança, mesmo nos ritos religiosos (O PENSAMENTO Zaratustriano, 2005).

Zaratustra, apesar das dificuldades que enfrentou em seu tempo, não via o mundo como arruinado, do qual urge fugir e, se possível, salvar alguns. Antes, o mundo era uma obra em fase de acabamento, ao qual todos eram convidados a unir criativamente as suas vidas. Essa visão de mundo provocou uma ética diferente da que dominava o mundo ocidental, que recorria à punição/recompensa como veículo principal de estímulo ou contenção. Para ele, o ser humano não estava contaminado pelo

[2]Asha: organização, ordem, verdade, justiça, tudo isso junto para ser a bondade da vida, princípio divino organizador do mundo, presente dos átomos à alma de todos os seres, do micro ao macrossomo.

PUC-SP Biblioteca
13113 111019

pecado, pelo contrário, capacitado a escolher a boa mente e a construir um mundo diferente (O PENSAMENTO Zaratustriano, 2005).

A religião apresentada por Zaratustra ousava afirmar que todos os castigos, infernos e carmas atribuídos a Deus ou à lei divina eram apenas metáforas da própria insegurança e estreiteza humana. Que todos os demônios eram apenas projeções dos maus pensamentos, sinais da fragilidade humana e, muitas vezes, instrumentos de domínio de uns sobre os outros (O PENSAMENTO Zaratustriano, 2005).

Após termos delineado os principais elementos e características do Zoroastrismo, iremos agora nos ater aos mesmos atributos do gnosticismo.

3.3 O conceito de gnose e o bem e o mal na visão gnóstica

Literalmente Gnose quer dizer «conhecimento». Não se trata, porém, do «conhecimento» acadêmico, científico, mas do «conhecimento revelado» ou «conhecimento divino», o qual só pode ser acessado através de meios e técnicas especiais, como a meditação e o recolhimento interior (O QUE É GNOSE, 2005).

Os gnósticos tornaram-se uma seita que defendia a posse de conhecimentos secretos que, segundo eles, tornava-os superiores aos cristãos comuns que não tinham o mesmo privilégio. Este movimento surgiu a partir de filosofias pagãs anteriores ao Cristianismo. Ao combinar filosofia pagã, alguns elementos da Astrologia e mistérios das religiões gregas com as doutrinas apostólicas do Cristianismo, o gnosticismo tornou-se uma forte influência na Igreja (GNOSTICISMO, 2005).

A premissa básica do gnosticismo era uma cosmovisão dualista. O Supremo Deus Pai emanava do mundo espiritual «bom». A partir dele, procediam a sucessivos seres finitos (*éons*). Quando um deles (*Sofia*) deu à luz a Demiurgo (deus criador), que criou o mundo material «mau», juntamente com todos os elementos orgânicos e inorgânicos que o constituem (GNOSTICISMO, 2005).

Por volta do século II d.C, cristãos gnósticos ensinavam que a salvação vinha por meio de um desses éons (seres finitos), Cristo, que se esgueirou através dos poderes das trevas para transmitir o conhecimento secreto e liberar os espíritos da luz, cativos no mundo material terreno, para conduzi-los ao mundo espiritual mais elevado. Para os gnósticos, Cristo, embora parecesse ser um homem, nunca assumiu um corpo físico; portanto, não foi sujeito às fraquezas e emoções humanas, ou seja, Jesus não veio em

carne. Por essa razão, o Gnosticismo foi considerado um movimento herético pelos cristãos ortodoxos (GNOSTICISMO, 2005).

Quando o cristianismo chegou, foi aceito sem reservas, com fé total. Mas ao acolher a nova doutrina, as pessoas não abandonaram suas antigas crenças e mesclaram a doutrina que chegava aos antigos rituais. Desta maneira, ao invés de as pessoas se converterem à nova religião, o que ocorreu, na prática, foi o cristianismo converter-se à antiga religião. Assim as palavras do Evangelho misturaram-se aos antigos rituais (CARACTERISTICAS gerais da antiga gnose, 2005).

Nos séculos I e II d.C, as novas idéias, surgidas desta fusão do cristianismo com antigas religiões, expandiam-se por todo o Oriente Médio e pela Grécia, até a Gália. E em cada região que se fixavam iam se amalgamando aos costumes locais, fazendo surgir novas correntes marcadas pelos principais mestres e pelos locais aonde chegavam (CARACRERISTICAS gerais da antiga gnose, 2005).

Todos os sistemas gnósticos partem do pressuposto da existência de Deus. Deus está no «princípio e na origem de tudo». Ele não necessita de nada, mas isto não impede que ele esteja acompanhado de um «ser que é como que a outra cara de si mesmo», o seu cônjuge, sua Consciência, seu Pensamento, sua Paz, seu Silêncio, etc. É Deus-Imanifestado sendo a Origem do Demiurgo, dos deuses criadores. Pode ser interpretado como a derivação de duas formas divinas, o Pai e Mãe Cósmicos (CARACTERISTICAS gerais da antiga gnose, 2005).

3.4 Assim aparece uma trindade dos sistemas gnósticos

Primeiramente temos a *Pleroma* – o Deus Uno, em determinado momento, através da emanação, projeta-se no exterior, desdobrando-se, «gerando» uma série de entidades divinas, os *Éons* (CARACTERISTICAS gerais da antiga gnose, 2005).

Os *Éons* são entidades divinas procedentes do Uno, e são o inteligível ou o perceptível do Uno. Essas emanações, originadas do Uno-Transcendente, constituem o Pleroma, ou Plenitude da Divindade (CARACTERÍSTICAS Gerais da Antiga Gnose, 2005).

Na formação do *Pleroma* há que se distinguirem dois momentos: em um primeiro estágio é formada a substância ou ser dos *Eóns*, em um segundo momento, é formada a gnose ou conhecimento (CARACTERISTICAS gerais da antiga gnose, 2005).

O Transcendente dá a esses Éons, formados substancialmente, o conhecimento de si mesmos só num momento posterior. É quando passam a ser divinos. Esta duplicidade de momentos mostra que a gnose é pura graça, e que só a gnose outorga a um ser, por mais divino que seja, a sua plenitude substancial (CARACTERISTICAS gerais da antiga gnose, 2005).

Dentro do Pleroma, entretanto, acontece uma falha. Esta «falha» irá explicar o nascimento do cosmo e a origem do mal. Entre os dois momentos do Pleroma, quando ocorre a formação dos *Eóns*, segundo a substância e segundo o conhecimento, ocorre a falha. Um dos entes divinos, a Sabedoria, quer chegar ao conhecimento do Uno antes do tempo. Isto seria um desejo correto, justo, se acontecesse no momento certo, de acordo com a vontade do Transcendente, mas, como acontece antes da hora, passa a ser uma paixão. Porém esta paixão, este desejo prematuro pelo conhecimento pleno do Uno, continua sendo efetivo, apesar de imperfeito, pois é o desejo de uma entidade divina. Ainda assim, esta paixão provoca a queda do *Eón* e por isso este *Eón* será expulso do Pleroma (CARACTERISTICAS gerais da antiga gnose, 2005).

Este lapso de tempo em que o *Eón* Sabedoria fica fora do Pleroma tem uma dupla dimensão conceitual: teologia e cosmologia teologicamente representam o nascimento do pecado, da deficiência, do Mal, que exigirá a necessidade de um Salvador. Com o Salvador se inicia, dentro do Pleroma, um processo de salvação, que mais tarde se repetirá neste mundo. Cosmologicamente, este «pecado» do *Eón* Sabedoria significará o princípio da matéria, do universo todo. É da paixão deste *Eón* que surgirá a substância informe e espessa da qual irá brotar todo universo material (CARACTERISTICAS gerais da antiga gnose, 2005).

O *Eón* caído, entretanto, se arrepende de seu pecado e, para que a totalidade divina não seja abalada por isto, o Uno, através do Salvador, resgata o *Eón*Sabedoria. Separa-o da substância informe e espessa que resultou da sua paixão e que deu origem ao universo e o faz retornar ao Pleroma (CARACTERISTICAS gerais da antiga gnose, 2005).

3.5 O Bem e o Mal no tempo de Agostinho

Após essa análise e estudo histórico sobre o zoroastrismo e o gnosticismo, podemos nos situar e nos posicionar em relação ao maniqueísmo do tempo de Agostinho. Tendo-se em mente que este pensamento dualista, em relação ao bem e ao

mal não emergiu efetivamente no tempo de Agostinho, mas que já se fazia presente e plasmado na história.

Como já vimos, com a fusão do cristianismo com antigas religiões, por volta dos séculos I e II d.C., novas ideias se expandiram e fizeram surgir novas correntes ou doutrinas, dentre elas o maniqueísmo.

Mani, persa de ascendência e babilônio de nascimento, fundador do maniqueísmo, que nasceu no século III d.C., foi um profeta inteligente e culto que tentou conciliar o Ocidente e o Oriente com a religião de Zaratustra e a religião de Jesus. Por outro lado, também, o maniqueísmo representou a expressão mais coerente e elaborada do gnosticismo asiático (LOGOS, 1991).

O maniqueísmo pregado por Mani era uma forma de pensar simplista em que o mundo era visto dividido em dois: o do Bem e o do Mal. A simplificação, porém, é uma forma primária do pensamento que reduz os fenômenos humanos a uma relação de causa e efeito, certo e errado, isso ou aquilo, é ou não é. A simplificação, também é entendida como uma forma deficiente de pensar, que nasce na intolerância ou desconhecimento em relação a verdade do outro e da pressa de entender e reagir ao que lhe apresenta como completo (O MANIQUEISMO, 2005).

A religião maniqueísta se difundiu pelo Império Romano e pelo Ocidente Cristão. A sua visão dualista radical, percebia o mundo dividido em duas forças: o Bem (luz) e o Mal (trevas) e antagônicos entre si, sendo que estes dois Reinos estão em permanente conflito. Assim é dever de cada ser humano entregar-se a esse eterno combate para extinguir em si e nos outros a presença das Trevas a fim de poder alcançar o Reino da Luz, que é o Reino de Deus. No maniqueísmo, os homens «eleitos» irão purificar o Bem, com uma vida de castidade, renúncia à família, alimentação especial etc. (O MANIQUEISMO, 2005).

Assentado doutrinalmente no dualismo gnóstico do espírito e da matéria, do bem e do mal, os maniqueístas postulavam substâncias ou princípios metafísicos, eternos e onipresentes, diametralmente opostos um ao outro, e que o bem e o mal dividem entre si o mundo numa luta sem tréguas, que, vinda de um tempo imemorial, se prolonga atualmente antes de se encerrar no tempo final da separação total e definitiva. Como princípios substanciais, eternos e antagônicos, o bem e o mal dão origem a duas terras, a dois reinos: o reino da luz, espiritual e belo; e o reino das trevas, material e horrendo (LOGOS, 1991).

Na concepção maniquéia, pelo conhecimento e pela vida, os eleitos vão libertando gradualmente as partículas luminosas esparsas no cosmo e imersas na matéria, que assim se tornam redentores dos homens e do mundo, consumindo a vida em reconhecer para distinguir, separar e escolher. No maniqueísmo, os elementos cristãos são sempre solicitados em sentido gnóstico. A cristologia exposta nos Hinos de Mani é meramente espiritual e etérea, sem a dimensão humana da Encarnação. Como todo o nascimento implica corrupção da matéria, o maniqueísmo rejeita o nascimento humano como indigno de Deus: Jesus não é filho de David, apenas de Deus. Sem dimensão humana, simples aparência, Jesus Cristo é salvador apenas e na medida em que vem despertar os homens para a consciência da sua natureza divina (LOGOS, 1991).

Apesar de o problema de relação entre BEM/MAL, quer seja nos seus aspectos religioso, moral, filosófico ou pratico – ter sofrido diversas transformações, desde o Zoroastrismo até os diversos Gnosticismos do tempo de Agostinho, podemos afirmar que o Maniqueísmo mantém muito dos traços iniciais do Zoroastrismo. A partir de Mani, entretanto, postula-se um Maniqueísmo Ontológico, o qual eleva o Mal à categoria de SUBSTÂNCIA AUTÔNOMA.

É com esse maniqueísmo que Agostinho trava profunda relação, inicialmente como discípulo e, posteriormente, utilizando todas as suas forças para rejeitá-lo como inconsistente e infundado.

Embora Agostinho tenha inicialmente aderido às ideiasmaniquéias, podemos inferir que foi, sobretudo, sob o aspecto moral, que o maniqueísmo conseguiu seduzi-lo, oferecendo-lhe uma explicação aparentemente coerente do mal (LOGOS, 1991).

Isto porque Agostinho sempre viveu uma intensa crise existencial em busca da Verdade e do sentido último de sua vida. E nesta busca e trajeto, muitas foram as coordenadas tomadas, com seus respectivos problemas, dentre eles a origem do mal.

Nesse sentido, a influência que Agostinho recebeu dos maniqueístas foi preponderante. Ademais, os maniqueus sustentavam que Deus falava diretamente à alma, através de sua Palavra, iluminando-o de tal sorte que os iluminados podiam vê-lo. Ademais, a ideia de Agostinho do caráter intelectual do discernimento espiritual, seu desgosto pelos livros históricos do Antigo Testamento, sua necessidade urgente de respostas que o satisfizessem, tudo isso o tornou receptivo destes ensinamentos (EVANS, 1995).

Os maniqueístas ofereceram a Agostinho um meio de mostrar, pela sua intelectualidade, que ele era diferente do tipo comum, ofereceram-lhe também um caminho para Deus pelo exercício da sua razão, um caminho que não exigia dele atribuir autoridade a quem quer que fosse, deram-lhe a *satisfação* de que tinha encontrado e sustentado a solução por sua própria perspicácia. Olhando para trás, diz, no *Agostinho sobre o mal*: "Quem não seria atraído por promessas desta espécie, especialmente a mente de um jovem que queria descobrir a Verdade, e, de mais a mais, uma mente altiva e loquaz?" (EVANS, 1995, p. 30).

A arrogância da pretensão maniquéia, de encontrar a verdade no plano apenas intelectual, foi o que atraiu Agostinho. Eles acreditavam que a alma não era espiritual como também divina, que o corpo não passava de estorvo, e que a perfeição lhe era atingível (EVANS, 1995).

Foi, porém, a preocupação de Agostinho com o problema do mal que o manteve escravo dos maniqueus por nove anos. Os maniqueus não tentavam evitar o problema do mal, com efeito, encontrando um lugar para o mal no universo, faziam dele princípio fundamental em seu sistema. Os maniqueus fizeram da matéria algo cósmico em sua extensão, tiraram de Agostinho a responsabilidade pessoal pela saúde de sua própria alma, facultando-lhe atirar sua carga no redemoinho cósmico. Quando era jovem, estava mais disposto a acreditar que o universo estava fora dos gonzos do que acreditar que havia algo de errado dentro de si mesmo. Chegou ao ponto de acreditar que Deus podia ser afetado pelo mal, antes que admitir que ele mesmo era o agente do mal. Tentou todos os meios que sua sagacidade podia arquitetar para evitar a conclusão de que podia ser ele próprio a fonte do mal que buscava, o armador de ciladas para sua própria alma, o guarda de sua prisão (EVANS, 1995).

Para a doutrina maniqueísta, quando o «ouvinte», que buscava seguir os maniqueus, ficava «cheio de luz», a iluminação lhe mostrava que devia distinguir entre o bem nele, que era a sua alma, e as perturbações da mente, as paixões e os desejos corporais, que eram causados pelo mal. Sustentava-se que a linha que dividia os bons dos maus também dividia o espiritual do material. Parecia tão claro aos maniqueus que somente o bem podia vir de Deus, que eram forçados a conceber a existência de algum princípio contrário, independente do bem, não-criado, um Primeiro Princípio como o próprio Deus. Retinham que essa força má pressionava eternamente o bem e tentava empurrar mais longe a linha divisória que cerca e restringe o bem. «Quando veio o Espírito Santo», diz o Saltério Maniqueu: «Ele nos revelou a vereda para a Verdade,

ensinando-nos que existem duas Naturezas, a Natureza da Luz e a Natureza das Trevas, separadas uma da outra desde o Princípio» (EVANS, 1995)

O mal não pode alterar o bem, mas pode cercá-lo de todos os lados e impedir seus movimentos, pois o bem não é naturalmente guerreiro e não busca enfrentar o mal com oposição ativa a não ser quando reconhece seu perigo (EVANS, 1995).

O maniqueísmo oferecia a Agostinho até mesmo algo da mesma responsabilidade científica que ele pensou uma vez ter encontrado na obra dos astrólogos. Inclusive um dos salmos maniqueus descreve como Deus colocou o sol e a lua nas alturas, «para purificar a alma. Diariamente eles retomam a refinada parte das alturas, mas extinguem os detritos». A explicação maniquéia, porém, dispensava por indagar o coração próprio e desviava os olhos do estado tormentoso da própria consciência, facultando-lhe voltar sua atenção ao mundo, e argumentar sobre grandes temas referentes à estrutura do universo. Facultava-lhe fazer compartimentos no pensar pessoal e fechar os olhos às coisas em seu íntimo que haveriam de atormentá-lo por toda a vida, quando começasse a pensar claramente sobre elas (EVANS, 1995

Agostinho, entretanto, após nove anos imerso na doutrina maniquéia, começa a perceber a ineficácia desta, sobretudo depois de sua frustrante conversa com o poderoso bispo maniqueu Fausto, de quem esperava encontrar respostas satisfatórias para suas dúvidas, e no entanto, só encontrou decepção, pois este não tinha as respostas buscadas.

Agostinho reconhece que caiu nas mãos de homens desvairados pela presunção, extremamente carnais e loquazes. Suas palavras traziam as armadilhas do demônio, numa mistura confusa do nome do Nosso Senhor Jesus Cristo e do Espírito Santo consolador. Segundo ele, os maniqueus pronunciavam continuamente tais nomes, mas eram apenas sons e movimentos de lábios, seus corações eram vazios da verdade. Repetiam: «Verdade, Verdade!» mas não a possuíam (CONFISSÕES, 2004).

Após longa caminhada, ele infere que a doutrina maniquéia era pura fantasia, falsas realidades (CONFISSÕES, 2004).

Agostinho, em sua incessante busca pela Verdade, não conseguia conceber a imaterialidade de Deus. Admitia que não conseguia imaginar outra substância além da que os olhos vêem (CONFISSÕES, 2004). A leitura dos tratados neoplatônicos, porém, abalou-o. Segundo sua expressão, tal leitura provocou nele «um incêndio incrível». Assim, sua concepção de Deus tornou-se precisa e clara. Percebeu que Deus é o Ser Absoluto, Verdade Eterna, puro espírito, e que toda a sua obra é boa. Nesse sentido, finalmente, sob a influência do neoplatonismo, encontrou uma solução ao problema do

mal: "Procurei o que era o mal e não encontrei uma substância, mas sim uma perversão da vontade desviada da substância suprema – de Vós, ó Deus – e tendendo para as coisas baixas [...]" (*Apud* SESÉ, 1999, p. 65).

Nesta perspectiva, após árdua caminhada e, ávido pela verdade, Agostinho consegue conceber a imaterialidade de Deus e, consequentemente, consegue se livrar das cadeias maniquéias em relação à substancialidade do mal, oferecendo diversos argumentos de contestação do maniqueísmo ontológico a partir dos quais pretendeu provar a não-substancialidade do mal.

4 O PROBLEMA DO MAL

Após termos identificado a influência recebida dos maniqueus, por Agostinho, abordaremos aqui, fundamentados nas reflexões e argumentos postulados por ele, que o mal não é uma substância ou princípio metafísico, eterno, onipresente e diametralmente oposto ao princípio do bem, como assim admitiam os maniqueus. Nesta mesma perspectiva, buscaremos também, cristalizar como o problema do mal é concebido na atualidade, enfatizando como o senso comum se posiciona diante desse dualismo.

Agostinho (2004) confessa que não foi capaz de chegar à Verdade e a Deus porque o buscou não com a razão, mas com os sentidos da carne.

Durante os quase nove anos que ele foi adepto da doutrina maniquéia, reconhece que ignorava outra realidade, a verdadeira, e era levado a aceitar apenas o penetrante raciocínio de estúpidos impostores, acreditando aproximar-se da verdade, quando, na realidade, dela afastava-se. No entanto, após admitir a imaterialidade de Deus, ele consegue vislumbrar que o mal é apenas privação do bem, privação esta que chega ao nada absoluto. Afirma que outrora não pôde conhecer a verdade porque seus olhos só atingiam o corpo e seu espírito não via mais do que fantasias. Não sabia que Deus é espírito e que não possui membros com medida de comprimento e largura, nem é matéria, porque a matéria é menor em sua parte do que no seu todo (CONFISSÕES, 2004).

Enquanto Maniqueu, a falsa opinião de Agostinho (2004, p. 104) sobre as coisas espirituais impediam-lhe de ver a verdade. Por os maniqueus ensinarem que toda realidade é material, corpórea, ele reconhece que não sabia o que dizia; de fato, não havia aprendido que o mal não é substância, nem é a inteligência o bem supremo e imutável.

Para Agostinho (2004), assim como surge o crime, quando o impulso espiritual que move nossas ações é corrupto e se manifesta com arrogância e tumulto, ou se pratica o vício, quando não se refreiam as paixões que alimentam os prazeres físicos, assim também, se a alma racional é corrompida, os erros e opiniões falsas contaminam a existência. E, assim, estava viciada a sua alma, ignorando que, não sendo ela a mesma a essência da verdade, outra luz deveria iluminá-la se quisesse participar da verdade.

Obstinado por atingir a plenitude da verdade e cego pela petulância, ele preferia sustentar que a imutável natureza de Deus era fatalmente condenada ao erro, a confessar

que a sua, mutável, se tivesse desencaminhado por livre vontade e ficado sujeito ao erro por castigo (AGOSTINHO, 2004).

Diante de tal ignorância, quando Agostinho (2004) queria pensar em Deus, só sabia representá-lo sob a forma de massa corpórea (Parecia-lhe que não devia existir nada de incorpóreo). E esta era a principal e, talvez, a causa única do seu erro. Como conseqüência deste pensamento, ele deduzia que também o mal era uma substância desse gênero. Entretanto, certa religiosidade que possuía, obrigava-o a crer que um Deus bom não podia ter criado uma natureza má. Por fim, parecia-lhe ser mais justo crer que Deus não tivesse criado mal algum, do que acreditar que a natureza do mal proviesse deste mesmo Deus. Na época de sua ignorância, ele imaginava o mal, não só como substância corpórea, pois não sabia conceber um espírito, mas também como um corpo sutil que se difunde no espaço.

A origem do mal, enfim, apresentou-se a ele após longa e árdua caminhada; mas, segundo ele, ainda esforçava-se para poder compreender o significado do que ouvia dizer sobre a livre determinação da vontade, como causa do mal que praticamos. Sentia-se, num primeiro momento, incapaz de ver e admitir isso claramente (AGOSTINHO, 2004).

Ele tinha a certeza de que, sempre que decidia querer ou não querer uma coisa, era ele mesmo e não outro quem queria; por essa razão, era capaz de ver melhor que aí estava a causa do seu pecado. Impulsionado por tal certeza, ele perguntava-se:

> Mas quem me criou? Não foi o meu Deus, que não somente é bom, mas é ele a própria bondade? Assim sendo, como explicar que a minha vontade tenda para o mal e não para o bem? Quem plantou em mim esses germes do sofrimento e os alimentou, uma vez que sou criatura do meu Deus que é cheio de amor? (AGOSTINHO, 2004, p. 173).

Tais reflexões chegaram mesmo a levá-lo por acreditar que Deus estava sujeito ao mal a considerar o homem capaz de cometê-lo.

Embora inebriado de tais questionamentos, Agostinho (2004) reconhece a incorruptibilidade de Deus e, assim, concebe que o mal e a corrupção de modo algum podem afetar a substância divina. Infere que a corrupção não afeta a Deus, seja por uma vontade, seja por qualquer necessidade ou acontecimento imprevisto e, por essa razão, tudo o que Deus quer para si é bom, isto porque ele próprio é bom e estar sujeito à corrupção não é um bem. Destarte, Deus não pode ser obrigado a alguma coisa contra própria vontade, pois a vontade de Deus não é maior que o seu poder.

Em sua busca para explicar o que seria o mal de fato, Agostinho se angustiava porque acreditava ser Deus bom, poderosíssimo e imensamente superior a todas as suas criaturas e, sendo bom, criou todas as coisas também boas e assim as envolve e completa: "Mas onde está o mal, de onde veio e como conseguiu penetrar? Qual a sua raiz, qual a sua semente? Ou talvez não exista? Por que tememos então e evitamos o que não existe?" (AGOSTINHO, 2004, p. 175).

Para ele, se tememos o mal sem motivo algum, é esse temor um mal, porque sem motivo algum nos perturba o coração e tanto mais grave quanto nada há que temer. Postula, assim, que ou o mal que tememos existe, ou o próprio fato de temê-lo é um mal. Emerge, então, a pergunta: "De onde vem o mal, se Deus é bom e fez boas todas as criaturas?" (AGOSTINHO, 2004, p. 175). Agostinho (2004) perturba-se porque acredita ser Deus o sumo bem, e as criaturas, por sua vez, bens menores, assim, nesta lógica, criador e criaturas são, portanto, todos bons. De onde então vem o mal?

Plasmado da certeza de que Deus é sumamente bom, Agostinho (2004) vê claramente que tudo o que existe é bom, embora sejam corruptíveis. Na sua concepção, por um lado, não se poderiam corromper se fossem sumamente boas, atributo este apenas de Deus e, por outro lado, não se corromperiam se não fossem boas, pois não há o que corromper naquilo que não é bom. Assim, a corrupção de fato é um mal, porém não seria nociva se não diminuísse um bem real. Desta forma, ele conclui que tudo aquilo que se corrompe sofre uma diminuição de bem. E, uma vez privadas de todo bem, deixariam inteiramente de existir. Por este viés de raciocínio, emerge a certeza de que se continuassem a existir sem que pudessem corromper-se, seriam melhores, porque permaneceriam incorruptíveis. No entanto, haverá maior absurdo do que afirmar que as coisas se tornariam melhores perdendo todo o bem? Portanto, se as coisas criadas são privadas de todo o bem, deixarão totalmente de existir. Mas, como sabemos que existem, inferimos que são boas. A partir desse pressuposto, Agostinho concebe que o mal, cuja origem ele procurava, não é uma substância. Porque, se o fosse, seria um bem. Para ele, na verdade, ou o mal seria uma substância incorruptível – o que é impossível, porque tal substância só a Deus compete –; ou seria uma substância corruptível – o que o caracterizaria como uma substância não boa, logo, não se poderia corromper, portanto, não existiria. Alicerçado em tais reflexões, ele pôde fundamentar que Deus criou todas as coisas muito boas, e que nada existe que não tenha sido criado por Ele.

Embebido e extasiado da infinita bondade de Deus, Agostinho (2004) percebe que o mal não existe em Deus, nem tão pouco nas criaturas d'Ele, e que fora da criação

divina nada existe que possa invadir ou corromper a ordem estabelecida por este Sumo Bem.

Por outro lado, entre as criaturas divinas, algumas partes existem que são consideradas más por não estarem umas em harmonia com as outras; porém, mesmo essas são boas em si, enquanto se ajustam com outras partes – e por terem sido criadas por Deus, que é bom (AGOSTINHO, 2004).

Liberto das cadeias maniquéias, em relação à substancialidade do mal, Agostinho (2004) se alegra por sua alma ter construído para si a figura de um Deus infinito, e isto possibilitado não mais pela visão turva da carne. Esta nova visão, agora mediada com os olhos da alma, viabiliza a ele compreender que a iniquidade não é uma substância existente em si mesma, mas apenas a perversão da vontade que, ao afastar-se do Ser supremo, que é Deus, se volta para as criaturas inferiores, submetendo-se a elas.

Clarificando-se assim, percebemos que a submissão do homem às criaturas, leva-o a afastar-se do bem e a praticar o mal, logo, acreditamos indubitavelmente que Deus é bom e não pratica o mal, mas sim o homem o pratica (AGOSTINHO, 1995, p. 25).

Enraizados por esta argamassa espiritual de verdade, somos levados, portanto, a nos perguntarmos pela causa de procedermos mal (AGOSTINHO, 1995).

Nesta perspectiva, e uma vez certos de que Deus e suas criaturas são boas em si mesmas, concluímos que não há nenhuma realidade que torne a mente cúmplice da paixão a não ser a própria vontade e o livre-arbítrio (AGOSTINHO, 1995).

Assim, gozarmos ou sermos privados dos bens na sua plenitude e vivermos moldados pelo bem verdadeiro, vai depender sempre de nossa vontade (AGOSTINHO, 1995, p. 56).

A vontade proporciona, livremente, aos homens merecerem uma vida feliz e, também voluntariamente, chegarem a uma vida de infortúnios e, assim, recebem, cada um de acordo com a sua vontade, aquilo que merecem (AGOSTINHO, 1995).

É característica própria da vontade escolher o que cada um pode optar e abraçar. E nada, a não ser a vontade, poderá destronar a alma das alturas de onde domina e afastá-la do caminho reto (AGOSTINHO, 1995).

Segundo Agostinho (1995portanto, Deus deu ao homem a vontade livre. Por essa razão, não podemos agir com retidão a não ser pelo livre-arbítrio da vontade; logo, a vontade livre deve ser contada entre os bens recebidos de Deus (AGOSTINHO, 1995).

A partir desta premissa, inferimos que sem a vontade livre ninguém pode viver nos ditames da retidão. E, por ela ser um bem e dom de Deus, devemos condenar aqueles que abusam deste bem (AGOSTINHO, 1995).

Embasados de tais convicções, postulamos que Deus não é criador do mal, nem tão pouco nos imputa a necessidade de praticá-lo, isto porque as nossas más ações são voluntárias, e estas estão sob nosso poder em relação a praticá-las ou não (AGOSTINHO, 1995).

É próprio da vontade humana afastar-se das coisas boas (do **Criador**) e dirigir-se às criaturas, para usufruir delas. Assim, o movimento da alma é sempre voluntário (AGOSTINHO, 1995).

Agostinho (1995) argumenta que a vontade possibilita à pessoa querer e não querer. Destarte, por seu intermédio, cometemos o mal; logo, só podemos atribuí-lo a nós mesmos.

Deus criador de todas as pessoas, que é bom, as criou e as possibilitou praticar ações boas, impulsionadas pela vontade; portanto, fica bastante claro que é, acima de tudo, para fazer o bem apenas, que a vontade foi dada ao homem (AGOSTINHO, 1995).

Uma vez dotado da vontade, entretanto, e por ela poder escolher livremente, o homem a perverte com suas más escolhas. Desta forma, dotado da capacidade de escolha, emerge no homem a cobiça, raiz de todos os males, possibilitando ao homem a disposição de querer além daquilo que é suficiente e que cada natureza exige conforme sua própria condição, a fim de se conservar (AGOSTINHO, 1995).

Segundo Agostinho (1995), é a vontade desregrada a causa de todos os males. Se essa vontade estiver em harmonia com a natureza, certamente esta a salvaguardaria e não lhe seria nociva. Por conseguinte, não seria desregrada. De onde se segue que a raiz de todos os males não está na natureza.

Nesse sentido, o mal começa a aparecer como que um tirar fora, uma privação, uma tendência ao nada, uma bolsa de nada num mundo bom. Uma vez que percebeu esta possibilidade, Agostinho viu que não mais precisava tentar entender poder haver um lugar corpóreo para o mal no universo, «onde» ele está, «donde» vem e/ou como ele «entra» num universo que está cheio do ser divino (EVANS, 1995).

Na verdade, sabemos que todas as coisas existem graças ao Deus criador; Deus este que não faz nenhum mal, ao contrário, causa a existência de modo que o mal não

possa existir, que revela a uns poucos que o mal é nada. O âmbito de Deus está além do entendimento pelos sentidos, de sorte que somente Deus pode ajudar a entender o que ele próprio é e, por contraste, o que o mal não é (EVANS, 1995).

Acreditamos, portanto, que Deus fez o homem bom por natureza e, acima de tudo, ordenou-lhe que fizesse o bem (EVANS, 1995).

Ao contrário do que afirmavam os maniqueus, Agostinho localiza a fonte do mal na vontade racional, vontade esta que é livre para escolher entre o bem e o mal (EVANS, 1995).

Assim, «fazer o mal» nada mais é que afastar-se da disciplina, isto é, sair do caminho certo, pois todo mal nasce unicamente da vontade (EVANS, 1995). Ademais, se rejeitarmos a alternativa maniquéia, que o mal é poder independente, só nos resta uma possibilidade: que o homem mau seja a fonte de sua própria iniquidade (EVANS, 1995).

Na perspectiva agostiniana, é inteiramente impossível que exista mal absoluto, pois se ele privasse completamente o seu hospedeiro de bondade, não lhe restaria nenhuma existência, o hospedeiro e o parasita desapareceriam juntos (EVANS, 1995, p. 225).

Agostinho (2004) percebe assim, que a vontade humana é que determina as nossas ações e as variáveis positivas ou negativas das mesmas. Para ele, a alma comanda e orienta o corpo, e este lhe obedece imediatamente; no entanto, comanda-se a si mesma, e esta hesita. A alma ordena a mão que se mova, e a obediência é tão fácil que mal se distingue ou percebe a ordem da execução. Entretanto, a alma é espírito, e a mão é matéria. A alma ordena que a alma queira determinada coisa; e, embora se trate da mesma alma, ela não obedece. Por a alma querer determinada coisa, ordena o próprio querer; no entanto, não executa ou atende aquilo que ela mesma ordena. E isto acontece porque ela não quer totalmente aquilo que ordenou, logo não ordena também totalmente, ou seja, ordena apenas na proporção do seu querer. E o que ela ordena não é executado enquanto ela mesma não quer, pois a vontade é que ordena para que ela mesma seja realmente vontade e não outra. Assim, não é a vontade plena que ordena por isso ela não é o que ela mesma ordena. Ademais, se a vontade fosse plena, não ordenaria que fosse vontade, pois ela já o seria. Por essa razão, não se constitui um absurdo querer em parte, e em parte não querer. Nesse sentido, tal situação configura-se em duas vontades, mas nenhuma é completa: o que existe numa, falta na outra.

Com esta configuração da alma, que está sujeita a duas vontades, Agostinho (2004) refuta veementemente o posicionamento maniqueísta que, observando em todas as decisões a existência de duas vontades, afirmava a existência de duas almas com duas naturezas diversas, uma boa e outra má. A vontade que delibera a uma determinada pessoa a praticar uma atitude boa, impele na mesma pessoa a não efetivação de tal atitude, ou seja, a mesma pessoa quer e não quer ao mesmo tempo. E isto se dá porque nunca se tem a vontade plena, nem tão pouco decidida falta de vontade, emergindo daí a luta interior da pessoa com ela mesma. Agostinho caracteriza que essa divisão se produz contra a própria vontade, embora isso não demonstre a existência de uma outra alma, e sim o castigo da própria alma.

Para Agostinho (2004), se as naturezas contrárias entre si fossem tantas quantas as vontades em conflito, não seriam apenas duas, mas muitas. Para os maniqueístas, se alguém hesitasse entre ir ao teatro ou a uma reunião maniquéia, eles logo diriam: «Eis as duas naturezas: a boa a levaria para a reunião, a má o levaria para o teatro». Os maniqueus não admitiam que em uma só alma existissem vontades diversas.

No entanto, Agostinho (2004) identifica que em um só homem duas vontades se combatem e busca fazer com que os maniqueístas cessem de afirmar que são duas almas contrárias, uma boa e outra má, procedentes de duas substâncias também contrárias.

Ao abordar, enfim, o problema do mal, bem como a sua origem, faz-se imprescindível levarmos em conta as reflexões e conclusões a que chegou Agostinho em relação ao mesmo. Vivemos atualmente, talvez mais do que em outras épocas, em um mundo plasmado por violência, guerra, desastres causados pela natureza, dentre outras realidades, e, por conta disso, sempre perguntamos quais são os culpados por tais ocorrências ou situações ou simplesmente imputamos a Deus a causa de todos os males.

Agostinho, como já vimos, esclarece que o mal enquanto substância não existe que não é uma realidade ontológica criada por Deus. O senso comum, por outro lado, diante de tantas ignomínias e, muitas vezes, diante de situações extremas ou limites se vê basilado no reducionismo dual do bem e do mal, buscando explicar a realidade vivida como sendo norteada por estes supostos princípios antagônicos.

Nesta perspectiva, o senso comum tende a vislumbrar o mundo na dimensão maniqueísta, isto porque se torna mais fácil e cômodo atribuir uma ou outra situação àquele «princípio do bem» ou àquele «princípio do mal». Com este pensamento simplista, as pessoas não são capazes de perceber que o mal é oriundo apenas da própria vontade humana e que o bem e o mal têm seus atributos de acordo com o ponto de vista

de cada pessoa ou situação vivida. Pensar sempre no âmbito maniqueísta proporciona a não busca de um fundamento teórico-lógico autêntico e verdadeiro da própria realidade.

Por essa razão, devemos primeiramente, saber que o homem é um ser bom e que Deus não o criou com o mal intrínseco em seu espírito, ou seja, o homem é um ser potencialmente bom, embora muitas de suas atitudes não verifiquem tal asserção. Em segundo lugar, devemos ter claro em mente que, se o homem pratica uma atitude má, ele a pratica de forma livre e voluntária, podendo, ao invés, praticar uma ação boa.

As pessoas, entretanto, personificam o mal em uma determinada coisa, pessoa ou situação, como se este fosse algo material e corpóreo. Podemos exemplificar tais personificações em duas realidades bem atuais e vividas pelos brasileiros. Primeiro, citamos a situação da transposição do Rio São Francisco. Diante da iminente efetivação deste projeto, Dom Frei Luis Flávio Cappio, Bispo da Diocese de Barra, interior da Bahia, resolveu fazer greve de fome reivindicando a não concretização do mesmo. Elencou suas argumentações e propostas, sendo apoiado por um determinado grupo de pessoas que acenavam favoráveis às suas idéias. Por outro lado, o governo e as regiões que seriam beneficiadas com a transposição também formulavam seus argumentos, agora, porém, favoráveis ao projeto. Logo se criaram duas realidades dentro de um mesmo contexto geográfico. A primeira frente caracterizava os defensores da transposição como sendo maus e estes invertiam as acusações. O segundo exemplo se caracterizou no referendo realizado pelo governo em relação à proibição ou não da comercialização de armas e munição. Logo, também, formaram-se duas frentes distintas, cada uma levantando a bandeira do bem e acusando a outra como sendo do mal, em vista sempre de seus propósitos e interesses próprios. A partir dessas duas realidades emergiram problemáticas perguntas: Quem de fato representava o bem e o mal? Quais os elementos que caracterizavam o bem e o mal?

A partir desses pressupostos percebemos, na verdade, que as pessoas tendem a polarizar suas concepções em uma realidade ou outra, impulsionadas unicamente por interesses «subjetivos» e, por essa razão, não conseguem fazer uma síntese do todo e, assim, abstraem uma conclusão, muitas vezes, errada da realidade e, consequentemente, não conseguem tomar decisões frente à realidade sem que, necessariamente, caracterizem esse ou aquele posicionamento de um bem ou de um mal. No fundo, percebemos que a maioria das pessoas é,na prática, eminentemente maniqueísta.

O senso comum, com sua tendência maniqueísta, impossibilita-se de perceber que um determinado contexto pode ser caracterizado desta ou daquela forma (como bem ou

como mal) por uma pessoa, povo ou nação, dependendo sempre do referencial que se tem em mente. Destarte, um país como os Estados Unidos, por exemplo, pode caracterizar uma determinada nação ou líder desta nação, como sendo mal, mas sempre tenderá a fundamentar seus conceitos a partir dos seus interesses subjacentes e implícitos, ou seja, estará condicionado a pontos de referência específicos e favoráveis à sua concepção. A nação agredida ou líder, por sua vez, sentirá os efeitos de tal ataque e, também, a partir de seus interesses e referenciais inverterá o processo argumentativo, identificando o mal no seu oponente. Desta forma, sustentado por visões antagônicas de uma mesma realidade, instaura-se a problemática do bem e do mal e sua insolúvel resolução que favoreça «agredidos» e «agressores.»

Nesta lógica, portanto, inferimos que o mal em si mesmo não existe. Deus não pode ser culpado pelo mal que assola a humanidade de forma generalizada. Devemos, de forma íntegra e imparcial, perscrutar o íntimo das atitudes humanas e encontrar nelas a causa de todos os males, que estão enraizados no uso livre de sua vontade. Ademais, se uma pessoa ou povo perde sua liberdade, seus direitos e é agredida moral ou fisicamente, tal agressão deve-se apenas ao lado que agride, ou seja, este é culpabilizado e caracterizado como mal. Nesse sentido, o mal nada mais é do que a corrupção da vontade humana de não guiar-se para o bem, enfim, o mal se restringe exclusivamente à privação do bem.

5 CONCLUSÃO

No discorrer deste trabalho, verificamos que a temática do bem e do mal não é algo recente, nem tampouco de fácil compreensão filosófica. Observamos que tal discussão já permeou a existência no século XVIII a.C., onde Zaratustra postulava que fazer o mal ou o bem, dependerá exclusivamente das escolhas humanas, e estas se davam dentro da mente. Séculos à frente (I e II d.C.), correntes gnósticas difundiam-se e pregavam uma cosmovisão dualista do bem e do mal, perspectiva esta aceita por muitos, dentre os quais Mani, fundador do maniqueísmo. Mani aderiu e divulgou esse pensamento que, por séculos afora, preconizou essa visão dualista de dois princípios metafísicos e eternos. Nesse contexto, surgiu Agostinho, por volta do século IV d.C., inicialmente aderindo a tal posicionamento, impulsionado pela dificuldade, sobretudo, de conceber realidades imateriais e espirituais.

Embasados, portanto, por relatos e concepções diversas em relação à problemática do bem e o mal, contatamos que esta é historicamente uma questão a ser aberta à análise e discussão. Agostinho, talvez o mais dedicado à pesquisa e reflexão de tal temática, levanta diversos argumentos e fundamenta que o mal em si mesmo não existe. Torna-se, entretanto, patente a busca de explicações para o mal que circunda e permeia a realidade e que atinge indistintamente a todos.

Voltados para tal problema, faz-se necessário, em um primeiro momento, aderirmos ao pensamento de Agostinho e com ele admitirmos que o mal não existe em um plano metafísico. Devemos, porém, inferir que o mal existe, enquanto percebido nas perspectivas: a) do mal moral, que se caracteriza na corrupção da vontade humana e esta desvia-se do bem. E, certos, de que este mal moral tem sua origem no uso indevido da vontade, por conta do livre-arbítrio, ou seja, por poder escolher, o homem, ao invés de obedecer a Deus, desobedece-lhe e segue seus próprios impulsos e desejos. Assim, o mal moral torna-se uma aversão a Deus e uma aproximação da criatura; este tipo de mal, por fim, é o afastar-se da vontade que impulsiona para o bem; b) e do mal físico, entendido na ação direta do homem contra outro homem, também cometido de forma voluntária e livre.

Neste prisma, concebemos que o mal existe e faz-se presente entre as pessoas nas mais hediondas e horrendas situações. O homem simplesmente está suscetível a ter várias vontades – e não duas almas contrárias, impossibilitando-o de ser livre e responsável pelos seus atos, como postulavam os maniqueus – todavia, a não

administração destas vontades de forma ordenada e que concorram para o bem, proporcionam diversas facetas que são definidas e sentidas como um mal, sendo-as de fato.

O homem livre sente-se instigado a concretizar seus desejos e vontades e, por conta disso, sente-se também potencialmente capacitado para tanto. Porém, uma vez cedendo aos seus impulsos maus, atinge de forma imediata e/ou mediata a outro. As más escolhas do homem afetam o outro de forma imediata dentro mesmo do próprio convívio familiar e comunitário, como no caso de uma jovem de classe média alta que resolveu matar os pais para ficar com a herança, por exemplo; e isto se dá sempre que o homem busca satisfazer seus projetos e anseios individuais e, assim, não se incomoda em *coisificar* o outro. Nesse sentido, não existe um padrão de procedimento, interno e externo, que o norteei de forma categórica a não os concretizar, ou seja, tudo é admitido e aceitável, na sua concepção, para efetivação de seus planos.

Na dimensão mediata, o homem agride o outro, quando usa recursos naturais, por exemplo, para a realização de seus projetos individualistas. De forma demasiada, e por vezes imensurável, o homem degrada a natureza em seus vários ecossistemas, geralmente com fins econômicos e lucrativos. Por conseqüência disso, o homem estabelece um desequilíbrio na natureza, como o superaquecimento do planeta, gerando-se daí, por exemplo, grandiosos desastres ambientais, provocando a destruição e a morte de milhares de pessoas inocentes. A postura adotada por parte população, em muitos casos, ou é culpabilizar Deus por tais acidentes, geralmente afirmando que ele castigou esse ou aquele povo ou nação ou atribuem estes acidentes a uma força demoníaca, sendo que na verdade o homem é o único responsável por referidos desastres.

Nesta perspectiva, podemos perceber que vivemos em uma época em que a sociedade, em grande parte, vive marcada por interesses pessoais e lucrativos a qualquer custo, mesmo que seja a vida do outro. Não existe, pelo menos na prática, princípios valorativos e éticos que norteiem a capacidade humana de realizar projetos de vida, no que concerne a uma viabilização de vida onde não exista caracterização deste ou daquele como bom ou mau, mas o que de fato vale é a afetividade dos desejos e vontades, livres e despojados de um caráter que favoreça o bem coletivo. O princípio básico é de que todos são livres, logo, tudo é permitido indiscriminadamente, mesmo que esta liberdade custe o aprisionamento ou aniquilamento da liberdade do outro.

De forma consensual, portanto, inferimos que o mal se estabelece no convívio humano apenas enquanto mau uso, por parte das pessoas, de sua livre capacidade de

realizarem vontades e desejos. Concluímos que o mal, enquanto realidade metafísica não existe, entretanto se faz presente com o afastar-se do homem do caminho do bem e do configurar-se com as coisas terrenas em vista de suas paixões e prazeres subjetivos.

Partindo dessas considerações podemos afirmar a atualidade do pensamento agostiniano, sobretudo em relação: *a) Religião*: percebemos que as pessoas que se vinculam a uma determinada postura religiosa, tendem a rotular ou a serem rotuladas, geralmente, de boas ou de más, a partir de conceitos pré-estabelecidos e dogmáticos, sem, muitas vezes, perceberem ou suprassumirem os valores e posturas intrinsecamente valiosos; *b) Política*: aqui, da mesma forma, os interesses individuais de um grupo ou partido são supervalorizados em detrimento de outros, refletindo divisões e rótulos dos possivelmente bons e maus, mas sempre condicionados a certos referenciais e conceitos; *c) Filosofia*: ressaltamos, por fim, que filosofias ou correntes filosóficas, também a partir de pontos de vista, são tendenciosas a defenderem suas teorias e formas de pensar a realidade, a história e o mundo, dentro dos limites e ditames de seus interesses e perspectivas e, assim, desembocam no reducionismo de criarem blocos ou ideologias com características do bem e do mal. Nesse sentido, fundamentamos, mais ainda, que o mal caracteriza-se, na verdade, não como um ente, mas como uma situação ou posicionamento de nossos conceitos e verdades absolutas e indubitáveis.

Por outro lado, para superarmos a concepção maniqueísta, precisamos assumir que o mal não é uma realidade criada ou um princípio substancial, mas apenas a perversidade da vontade humana de não realizar o bem. Devemos aceitar que o mal que existe, enquanto mal moral e físico, são decorrentes do mau uso da liberdade por parte do homem e, a partir do momento que este homem não assume uma postura de responsabilidade e respeito frente ao outro, ele tenderá cada vez mais a criar situações maléficas.

Constatamos, finalmente, que o maniqueísmo do tempo de Agostinho era, sobretudo, uma problemática teórica-filosófica e era bastante discutido; atualmente, ao contrário, este maniqueísmo teórico, enquanto discussão filosófica, não é o cerne, mas sim, uma visão dualista eminentemente prática de nossa realidade, onde tudo é submetido ao crivo do bem e do mal, tornando-se, assim, bastante limitada e mesmo nociva tal visão, porque produz uma incapacidade de se analisar o mundo de uma forma crítica e impossibilita as pessoas de perceber situações boas, onde só conseguem vislumbrar o mal e vice-versa, caindo-se, assim, num reducionismo. O maniqueísmo, portanto, simplifica o mundo fenomênico nos pólos do bem e do mal e, por essa razão,

não viabiliza a capacidade racional para as pessoas não caírem em um ou outro destes extremos e, por conseguinte, não favorece o diálogo da pessoa com ela mesma e com o mundo; e um pensamento mais elaborado e sistemático da realidade, sobretudo um pensamento filosófico que trate o ser humano em seu caráter integral. Assim, o maniqueísta desvanece na tese e na antítese e não chega a uma síntese, ou seja, não percebe os elementos positivos de uma ou de outra situação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO. **Confissões.** 17. ed. São Paulo: Paulus, 1984.

_____. **O livre – arbítrio**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 1995.

BIGNOTTO, Newton. O conflito das liberdades: Santo Agostinho. Síntese Nova Fase. v. 19, n. 58, p. 327-359, jul./set. 1992.

BOEHNER, Philotheus; GILSON, Etieneie. **Historia da filosofia cristã:** Desde as Origens até Nicolau de Cusa. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

BUNN, Karl. **O que é gnose.** Disponível em: www.gnose.org.br/-30K: Acesso em: 31/08/05.

CARACTERISTICAS GERAIS DA ANTIGA GNOSE O PLEROMA E OS EONS. Disponível em: www.esoterkha.com/ghnose/caractersiticas_antiga_gnose.php: Acesso em: 31/08/05.

DE LIMA, Raymond. **Maniqueísmo:** a luta entre o Bem e o Mal. Disponível em: www.espacoacademico.com.br: Acesso em: 31/08/05.

EVANS, G. R. **Agostinho sobre o mal**. São Paulo: Paulus, 1995

JOÃO PAULO II, Papa.**Carta Apostólica sobre Santo Agostinho de Hipona**. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

LOGOS, Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia – Vol. 3. Lisboa/São Paulo: Verbo, 1991, 596-603; 608-613.

MADUREIRA, Pedro Paulo de Sena. **Santo Agostinho**. São Paulo: Editora Três, 1973.

MATINEZ, João Flávio. **Gnosticismo.** Disponível em: www.cacp.org.br/gnosticismo.htm: Acesso em: 31/08/05.

MONDIM, Batista. **Quem é Deus?** Elementos da teologia filosófica. São Paulo: Paulus, 1997.

PALÁCIOS, Pelajo M. (Org.). **Tempo e razão:** 1600 anos das Confissões de Agostinho. São Paulo: Loyola, 2002.

PLATAO. **A república**. São Paulo: Martin Claret, 2000. (A obra-prima de cada autor).

REALE, Giovanni – ANTISERI, Dario. **Historia da filosofia**. São Paulo: Paulinas, 1990. (Volume I)

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **Historia da filosofia.**São Paulo: Paulinas, 1990. (Volume II)

ROUIGNI, Sofia Vanni. **Historia da filosofia moderna:** da Revolução Cientifica à Hegel. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

SESÉ, Bernard. **Agostinho o convertido**. 2. ed. São Paulo: Paulinas,1999.

SILVA, Franklin Leopoldo. O problema do mal. **Síntese,** Minas Gerais, v. 2, n. 79, p. 453-468, out./dez. 1997.

SOARES, Afonso M. A.; VILHENA, Maria Ângela. **O mal:** como explicá-lo? São Paulo: Paulus, 2003.

STRATHERN, Paul. **Santo Agostinho em 90 minutos**. Tradução de Maria Helena Geordane. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

VON FRAZ, Marie-Louise. **A sombra e o mal nos contos de fada.** 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1985.

ZARATUSTRA VIDA E ENSINAMENTOS. Disponível em: www.zoroastrismo.com.br: Acesso em: 31/08/05.